

Mary Prior (ed.), *Women in English Society, 1500-1800*, Londres e Nova Iorque, Methuen, 1985, 294 pp.

Explorar aspectos significativos da história das mulheres na sociedade inglesa pré-industrial, escapando à tentação de generalizações abusivas, é o objectivo maior desta colectânea brilhantemente organizada por M. Prior (Universidade de Oxford). Essa a novidade que os ensaios agora publicados nos trazem, novidade que raras vezes se nos tem deparado no âmbito dos *women studies*: através de olhares em profundidade sobre pequenos grupos de mulheres, é a própria estrutura da sociedade inglesa entre os séculos XVI e XVIII que, de um ângulo refrescantemente diferente, vem ao de cima.

É difícil escrever sobre mulheres no passado. No «mundo que perdemos», os seus testemunhos são raros e dispersos. A mulher anónima das classes populares não sabe escrever; a minuciosa rotina doméstica deixa-lhe, aliás, pouco tempo para lazeres ou actividades pessoais; além do mais, aquilo que se repete regular e quotidianamente não constitui, em geral, objecto de testemunho. As poucas mulheres que escrevem sobre si próprias têm poucas probabilidades de ver os seus manuscritos publicados ou mesmo preservados. O recurso à demografia, o estudo exaustivo das fontes escritas femininas (diários, memórias ocasionais), são, entre outros, alguns dos instrumentos que o historiador pode utilizar para superar essas enormes dificuldades.

Dorothy McLaren, autora do primeiro ensaio desta colectânea, escreve sobre «Fertilidade dos casais e lactação, 1570-1720». Destaca a forte disparidade entre os níveis altos de fertilidade dos casais de meios economicamente favorecidos e a dimensão relativamente pequena das famílias pobres. A prolongada amamentação materna, com efeitos «contraceptivos» comprovados, era, de facto, prática corrente nos meios populares, fazendo parte de um verdadeiro padrão reprodutivo da maioria das mulheres, que assim conseguiam assegurar longos intervalos entre os nascimentos. Entre mulheres ricas, o costume era outro: entregam os recém-nascidos a amas, engravidando, por isso, mais rapidamente; os seus níveis de fecundidade são assim, para a época, excepcionalmente elevados. Barbara Todd revê, com algum humor, o estereótipo repetidamente caricaturado de «viúva casadoira». Através de um estudo demográfico realizado na paróquia de Abingdon, Berkshire, verifica, pelo contrário, que, nos tempos modernos, o casamento da viúva se torna casa vez mais raro. Para isso contribui, certamente, um conjunto de factores, entre os quais se destacam: a maior esperança de vida dos indivíduos, razões de ordem sentimental, a mais fácil sobrevivência económica da mulher só e as pesadas sanções de tipo material que impõe o testamento do falecido marido sobre a sua mulher, caso ela se volte a casar.

Mary Prior, no interessante ensaio «Mulheres na economia urbana de Oxford, 1500-1800», mostra como o trabalho feminino representa então parte significativa das actividades comerciais da comunidade. Não porque, de facto, a mulher gozasse de uma autonomia material — e basta atender às censuras, mais ou menos veladas, que recaem sobre a solteira que trabalha fora de casa. O trabalho feminino, em esposas e viúvas, é uma necessidade tolerada com vista a assegurar a sobrevivência e a estabilidade da economia familiar. Num segundo artigo, a unidade de análise que selecciona é outra: as primeiras mulheres de pastores anglicanos, fortemente discriminadas e marginalizadas na vida pública. Marie Rowlands esboça com realismo o perfil das *recusant women* (1560-1640) — mulheres que se recusam

a assistir aos serviços religiosos da igreja inglesa em domingos e feriados, nos termos estipulados pelo Act of Uniformity. A capacidade de contestação da autoridade e a irreverência perante o poder instituído eram comportamentos eminentemente femininos. O discreto e privado universo de casa presta-se, de facto, às mais diversas práticas de resistência: o alojamento e a hospitalidade a padres católicos, a celebração dos rituais familiares de oração e o estudo da doutrina católica. Resistência que tende a transbordar ofensivamente a esfera doméstica, provocando por isso a maior apreensão e perseguição por parte do poder. Dela é exemplo a organização de freiras criada por Mary Word, English Ladies, que recusam a clausura do convento e reivindicam uma actividade pedagógica no mundo laico.

Sara Mendelson procura reconstituir, a partir de uma análise cuidada de diários e memórias de mulheres, obviamente pertencentes à *élite* letrada, um ponto de vista feminino sobre a época e a vida quotidianas. Apresenta-se, finalmente, uma extensa bibliografia, organizada por Patricia Crawford, assinalando as obras publicadas por mulheres na Inglaterra do século XVII.

Não é o clássico critério económico que organiza o fio condutor destes vários ensaios. Os grupos de mulheres estrategicamente seleccionados nestas investigações partilham um atributo: todas elas viveram processos de adaptação a novas circunstâncias. Daí a originalidade deste volume, que faz dele uma leitura indispensável e estimulante para estudiosos dessa outra «face da realidade», sistematicamente desfavorecida pela investigação tradicional, em detrimento da face pública da política e da economia.

Ana Nunes de Almeida